

vora. Mas só nas últimas décadas tais cautelas começaram a freqüentar os planos de algumas empresas brasileiras.

Com o tempo, é possível que esses cuidados sejam adotados pelas empresas com mais de 100 funcionários, claramente deslocadas para a mira do Ministério do Trabalho com a Portaria 3 460, de dezembro passado. Segundo seu texto, a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) dessas empresas deverão contar com médicos e engenheiros de segurança, recrutados entre os 30 000 profissionais intensivamente formados nos últimos meses. Por sua vez, as CIPAs terão o reforço adicional dos 5 000 líderes sindicais treinados em segurança pelos cursos da Fundacentro.



WALTER FIRMO

Weber: corrigindo estatísticas

Crêterios misteriosos — Por enquanto, as empresas com menos de 100 funcionários — responsáveis por mais da metade dos acidentes graves — têm sido poupadas pelas inovações legais. Afinal, indagam os técnicos, como estabelecer exigências para firmas que ignoram qualquer vestígio de organização jurídica? O pedreiro Duda Francisco Gomes, por exemplo, é o patrão de seis pessoas que trabalham a seu lado na demolição de prédios — e, portanto, o dono teórico de uma pequena empresa. Mas todos se expõem democraticamente ao risco de desabamentos, protegidos apenas pela própria agilidade. Seria viável estender a eles o uso obrigatório de equipamentos de segurança?

Com ou sem interrogações, parece urgente subtrair também esses pequenos grupos às estatísticas dos próximos anos. E, enquanto isso, aperfeiçoar a deficiente legislação de amparo aos acidentados, asperamente criticada pelos trabalhadores.

“O operário que sofre um acidente é geralmente dispensado pela empresa alguns meses depois”, afirma Joaquim dos Santos Andrade, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica — e vítima, ele próprio, de uma fresa que há dezoito anos deixou-lhe uma extensa cicatriz no braço. Para Andrade, o ideal seria a criação de uma norma que garantisse ao acidentado o direito à estabilidade na própria empresa.

Trata-se de um sonho distante. Até agora, a vítima recebe, além de eventuais indenizações, apenas um pecúlio por redução da capacidade de trabalho, fixado pelo INPS através de misteriosos critérios de porcentagem. Em 1971, o mecânico de manutenção Francisco Di Cicco, hoje com 65 anos, perdeu uma falange do dedo médio da mão direita ao estampar tampinhas de garrafa. A princípio, o INPS calculou seu acidente em 4% “de incapacidade” e fixou um pecúlio de 775 cruzeiros. Muitas audiências depois, no fim do ano passado, uma junta médica comprovou que o acidente causara em Di Cicco “hipersensibilidade dolorosa no coto, ausência de flexão e extensão do dedo médio, e redução em grau máximo da força muscular na mão esquerda”. A porcentagem de incapacidade subiu para 50%. E agora Di Cicco espera receber um pecúlio que ao menos permita sua sobrevivência.

MEMÓRIA

Zuzu Angel (1921-1976)



Uma árvorezinha para cada gôsto.

Num dia de 1950 apareceu uma árvorezinha nas bancas de todo o país. Era a primeira revista da Abril.

Com o tempo, apareceram muitas e muitas outras, trazendo na capa o símbolo da Abril e de uma alta qualidade jornalística, editorial e gráfica.

Hoje a Abril edita revistas de atualidades, de interesse geral, femininas, infantis, especializadas em automóveis e turismo, esportes, televisão, foto-novelas, educação, moda. Além disso, publica mensalmente uma revista para executivos e diversas revistas técnicas, de circulação dirigida.

As sementes que esta árvore já espalhou, há muito dão bons frutos a este país.

Estas sementes você encontra em qualquer banca de revista.

São os fascículos da Abril. Tudo o que colocamos dentro destes fascículos sempre foi muito importante para a vida do homem. Mas, poucas pessoas sabiam desta importância.

Porque nunca tinham tido a oportunidade de ter essas coisas nas mãos: um livro de Dostoiévski, um concerto de Bach, um quadro de Michelângelo, a vida de Tiradentes, a receita de um bordado, a explicação de uma doença.

Hoje, todas estas coisas estão nas bancas. E, em forma de coleções, 300.000.000 de fascículos já estão dentro dos lares brasileiros.

São duas as razões do sucesso dos fascículos da Abril: a primeira, é que o nosso país tem uma enorme vontade de aprender. A segunda, é que faltava alguém que tornasse a cultura acessível para todos. Foi o que a Abril fez.

